ISSN: 2358-8829

ADAPTAÇÃO DE ATIVIDADES PARA ALUNO COM AUTISMO EM UM COLÉGIO DO MUNICÍPIO DE UNA

Jeroaldo de Souza Santos [1]

INTRODUÇÃO

O Decreto Federal nº 7.611 de 17 de novembro de 2011 prevê a garantia do Atendimento Educacional Especializado pelo Estado, participação e aprendizagem do aluno com deficiência ao fomentar condições de acesso, recursos didáticos adaptados e apoio de especialistas.

Desse modo, esse trabalho de Pós-Graduação em Psicopedagogia buscou compreender o processo de planejamento do Psicopedagogo e Docentes da classe regular diante da elaboração de atividades (material didático) e avaliações adaptadas e acessíveis à pessoa com Transtorno do Espectro Autista - TEA (possivelmente de suporte 1 leve) matriculado no 3º ano (Anos Iniciais do Ensino Fundamental I - AIEF).

Para isso, essa pesquisa utilizou a metodologia qualitativa com base em Registros de Estágio Supervisionado (Plano de Estágio), diário de Bordo, análise de documentos institucionais e realização de entrevistas estruturadas (âmbito escolar, familiar e social) a partir de questões abertas e adaptadas. Todos os dados foram sintetizados na produção científica.

Os principais resultados da pesquisa foram: construção de material didático (atividades adaptadas) baseados em pareamento, raciocínio lógico, atividades recreativas, uso da ludicidade, estimulação de habilidades e intervenção frentes especificidades apresentadas do TEA (ecolalia, baixa autonomia, coordenação motora fina e grossa, desenvolvimento das funções executivas, diminuição da sobrecarga sensorial, comportamento repetitivo e com hiperfoco, ademais às dificuldades de socialização e comunicação).

[1] Tutor On line do Instituto Anísio Teixeira - IAT, jeroaldo.santos@enova.educacao.ba.gov.br;

ISSN: 2358-8829

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Durante o desenvolvimento da etapa de Formação profissional realizou-se a coleta de dados utilizando o Plano de Estágio, Diário de Bordo, análise de documentos institucionais presentes na pasta de matrícula do aluno e realização de entrevistas estruturadas a partir de questões abertas e adaptadas conforme as Diretrizes da Uniasselvi para Relatórios de Estágio Supervisionado em Psicopedagogia Clínica e Institucional. O Roteiro de Observação e Intervenção foi dividido em 4 etapas:

1- Construção de Plano de Estágio com orientações da Psicopedagoga e dados da Gestão Escolar, com os seguintes elementos: Tema, Justificativa, Objetivos - Geral e Específicos, Fundamentação Teórica, Metodologia e Cronograma

2- Coleta e análise de dados documentais;

(laudo médico, caderno usado na classe regular pelo aluno com autismo, relatórios do CAE e da SRM do Colégio e o Projeto Político Pedagógico)

3- Uso do diário de bordo durante todas as etapas do estágio, organizado por datas.

4- Realização de entrevistas no contexto escolar - sala de aula; âmbito familiar e na sala de aula durante o exercício da Docência e atuação da Profissional de Co-Ensino (segunda e terça). E ao final sistematização em Relatório de Estágio.

REFERENCIAL TEÓRICO

A compreensão do processo de planejamento do Psicopedagogo envolve a construção de atividades adaptadas e acessíveis à pessoa com Transtorno do Espectro Autista e atividades para o acompanhamento em Sala de Recurso Multifuncional - SRM enquanto cumprimento legal de diversos instrumentos que orientam, definem e caracterizam a oferta do Atendimento Educacional Especializado nas escola.

No Brasil um desses dispositivos estabelecidos em lei apresentam relação com os objetivos do Plano de Estágio por meio do Decreto Federal nº 7.611 de 17 de novembro de 2011, Art. 3º que prevê a garantia pelo Estado da promoção do Atendimento Educacional Especializado, participação e aprendizagem do aluno com deficiência ao fomentar condições de acesso, recursos didáticos adaptados, apoio de especialistas. Bem como reafirma a Resolução nº 4 de Conselho Nacional de Educação/CEB nº5 (BRASIL, 2009) que o Atendimento Educacional Especializado -

AEE “é realizado, prioritariamente, na sala de recursos multifuncionais da própria escola ou em outra escola de ensino regular, no turno inverso da escolarização” (BRASIL, 2009).

A proposta dessa normatização, no artigo 5º prevê ainda que o Plano de Atendimento Individualizado (conforme especificidade do aluno com deficiência) para cada discente necessita de articulação entre os docentes das salas de recursos multifuncionais e os demais professores do ensino regular, além da efetiva participação e acompanhamento dos familiares, como dispõe o Decreto Federal nº 7.611/2011 (BRASIL, 2011), bem como de outros serviços e setores de saúde e assistência social existentes no município.

Um dos principais destaques do Decreto 7.611/2011 está em prevê o desenvolvimento de recursos didáticos e pedagógicos que eliminem as barreiras no processo de ensino e aprendizagem, gerando de fato a acessibilidade do aluno com deficiência ao conhecimento de uma área ou que desenvolva outras habilidades específicas ao tipo de demanda apresentada em um laudo médico, ou até mesmo no processo de triagem e encaminhamentos do Psicopedagogo para outros profissionais e até mesmo dados levantados pelos docentes.

Toda essa proposta pedagógica destinada à pessoa com deficiência necessita de consonância com a sistematização e construção do Projeto Político Pedagógico da escola que oferta o AEE ao promover acessibilidade, de acordo o artigo 10º, a espaços físicos, mobiliário, materiais didáticos, recursos pedagógicos e equipamentos específicos coordenados por um profissional com formação específica para a Educação Especial, que de acordo o Art. 13º elaborará e executará o Plano de Atendimento Educacional Especializado (BRASIL. 2009).

Desse modo, esse projeto de pesquisa teve como área de estudo o trabalho desenvolvido de adaptação de atividades oriundas do diálogo e parceria realizadas entre os especialistas do AEE, docentes de classes regulares e familiares que apresentem a pessoa com transtorno do espectro autista (portadores da síndrome clínica). Essa deficiência é caracterizada de acordo a Lei Federal nº 12.764/2012 através do défict de comunicação, dificuldades nas relações e interação social, bem como na apresentação

ISSN: 2358-8829

de padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns (BRASIL, 2012).

Dessa forma, a garantia de acessibilidade da pessoa com espectro autista nas escolas é prevista pela Lei Federal nº 13.146/2015 - Estatuto da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015) no Artigo 28º por meio das práticas pedagógicas inclusivas desenvolvidas nos programas de formação inicial e continuada de professores e na oferta de formação continuada para o atendimento educacional especializado para capacitar os docentes no planejamento de atividades com "utilização de apoio visual e verbal, assim como oferecer instrumentos para facilitar a manipulação dos materiais com texturas diferentes e garantir que a criança sempre tenha por perto a oportunidade de limpar as mãos durante essas atividades", como destaca a pesquisa de Mantovani (2024, p.113).

Os prejuízos na área de comunicação que a criança com TEA manifesta, de acordo as pesquisas de Filho et. al (2023, p.7) são estudadas pela área de psicologia e explicam que eles sintetizam dados verbais sem emitirem significado (forma neutra), comprometendo a capacidade de reutilização e refletindo na incapacidade natural de estabelecer relações emocionais e empatia. Por isso, as atividades adaptadas para alunos com TEA dependem ainda de uma linguagem objetiva (literal e real), evitando conotações.

Existe um conjunto bem vasto de pesquisas que buscam compreender as origens e fatores relacionados à ocorrência de autismo. Uma síntese científica apresentada por Filho et. al (2023, p.7), com base em estudos de Fernandes (2010) destacam que a existência de casos de "rubéola pré-natal, meningite e outros tipos de epilepsia" estão associados a ocorrência de autismo, além de fatores: genéticos (90% dos casos) de acordo Fombonne et al (2016), neurológicos (sistema nervoso central), neuroquímicos (neurotransmissores como mediadores bioquímicos) e fatores Pré, Peri e pós-natais (gravidez tardia, uso de medicamentos e hemorragias antes, durante ou após a gestação).

Para Trentin (2019) quanto maior o nível de suporte, mais o aluno no espectro autista apresentará necessidade de apoio, mediante a gravidade dos déficits na

comunicação social, verbal e não verbal que refletem na eficácia da socialização. Nesse sentido, é importante salientar que para o DSM-5, o Transtorno do Espectro Autista - TEA insere-se no grupo de transtornos do neurodesenvolvimento, que Trentin (2020, p.12) fundamenta-se nas pesquisas de Rutter, Le Couteur e Lord (2003) para caracterizá-los com um "conjunto de condições que se inicia no período de desenvolvimento do sujeito, geralmente antes do ingresso na escola", comprometendo assim, o controle de funções executivas e o desempenho das habilidades sociais.

Um outro aspecto a ser considerado de acordo Mendonça et. al. (2023) são as dificuldades que o aluno com TEA apresenta frente ao domínio das habilidades motoras grossas (movimentos envolvendo músculos maiores) e finas (músculos menores das mãos, dedos e punhos), afetando o domínio de competências e habilidades da escrita, oralidade, participação nas atividades da classe regular, nas atividades desenvolvidas na SRM, e até mesmo as atividades propostas em sala de aula, mesmo que adaptadas. Diante disso, as pesquisas científicas recomendam "intervenções que estimulem diversas áreas como, a autonomia, a cognição, socialização, comunicação, comportamento, competências educacionais e motoras" (MENDONÇA, et. al, p.129).

Ademais a isso, alguns pesquisadores consideram a ecolalia enquanto fenômeno linguístico relacionado à pessoa com TEA, pois é concebida como uma "tentativa primitiva de manter contato social, quando o indivíduo é confrontado com uma linguagem além de suas competências linguísticas" (SAAD et. al, 2009, p.256), por isso os docentes, e demais profissionais de uma determinada instituição de ensino precisam ficar atentos a qualquer manifestação preconceituosa ou discriminatória que geram piadas diante da manifestação da ecolalia, ou qualquer outro tipo de estereotipia, mesmo existindo pesquisas que a consideram sem sentido, propósito e indique uma potencial desordem severa.

Um outro fator a ser considerado na construção de atividades adaptadas para aluno com TEA é em relação ao uso estendido de aparelhos eletrônicos que afetam significativamente as funções cognitivas e o desenvolvimento cerebral e motor, ampliando o grau de sintomas autísticos, como destaca Mosa et. al (2024).

Pesquisas de Ramadan et. al (2024) associam o uso demasiado de aparelhos

ISSN: 2358-8829

eletrônicos por alunos com TEA ao desenvolvimento das habilidades motoras grossas e finas, prejudicando assim a percepção espacial, do corpo (profundidade, distâncias e noção de direção), na autonomia e influenciando no baixo envolvimento em situações sociais e do cotidiano, além dos riscos à saúde diante do sedentarismo.

Nesses mesmos estudos de Ramadan et. al (2024), os pesquisadores ainda abordam sobre a sobrecarga sensorial que os alunos com TEA apresentam diante da sensibilidade, prejudicando-os no processamento de informações e provocando "reações de ansiedade e hipersensibilidade sensorial" (RADAMAN et. al, 2024, p.8).

E, um outro fator importante a ser apontado é em relação a importância de atividades adaptadas para alunos com TEA que explorem o pareamento ou aparelhamento (ato de combinar/associar em par), bastante discutidos nas pesquisas de Zamberlan et. al (2025). Esses pesquisadores destacam que essa forma de ensinar explorando recursos didáticos visuais (objetos, cores e formas) potencializa a habilidade de engajamento, bastante adotada em terapias e consultas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o desenvolvimento da Etapa do Estágio voltado para a intervenção no contexto escolar e na sala de aula notou-se que o aluno reconhecia os horários (entrada, recreio e saída) devido ao toque do sinal da sirene, bem como, os 3 momentos na semana que ele desenvolvia atividades na SRM e que a Psicopedagoga buscava-o na classe regular, entretanto, nem sempre existia uma rotina de atividades em sala de aula mediada entre a Docente e a Co-Ensino.

Logo nos primeiros contatos com o aluno com o TEA identificou-se que sua interação com a turma era muito baixa e havia a tentativa dele em sentir-se parte do grupo, mas poucas situações eram direcionadas nesse sentido pela Docente, portanto durante o estágio houve a necessidade de o aluno pronunciar o nome de todos colegas.

Com essa intervenção clara e objetiva o grupo manteve-se com respeito, contudo ainda mantiveram-se distantes dele na maior parte do tempo realizando suas atividades e indo em direção à mesa da Docente. Nesse momento, ao lado direito da mesa do aluno com TEA estava a Profissional de Co-ensino apoiando. O mais significativo foi a aceitação dele à presença do estagiário e a mudança da rotina de sala de aula.

ISSN: 2358-8829

O sujeito observado não apresentou hábitos de autonomia na manipulação de seus materiais didáticos e na realização de atividades, estava o todo tempo sendo auxiliado pelo estagiário e pela Co-Ensino. Ficou disperso com facilidade, diante de vários estímulos sensoriais, baixo nível de atenção e com interesse e curiosidades não focalizadas e dispersas (lanche, recreio, vontade de levantar e ficar andando na sala).

Diante disso, era sempre usado um tom de voz baixo do estagiário olhando nos olhos do aluno (ato que ele correspondia às vezes) e com uso de palavras objetivas e curtas de fácil entendimento, o que possibilitou ao aluno apresentar autorregulação, além das pausas promovidas durante as atividades e mediante o nível de concentração e estresse.

Durante o estágio verificou-se as atividades registradas no caderno do aluno com apoio da Co-Ensino que demonstravam que em outros momentos ele conseguiu realizar algumas atividades e no tempo dele, apresentando bom desempenho e pouco comprometimento da memória, do raciocínio lógico, ao demonstrar a capacidade de atender às orientações repassadas pra ele, sem estereotipias e manifestação da ecolalia.

As atividades adaptadas registradas no caderno apresentavam: realização de pintura de desenho da árvore; construção de biografia em forma de desenhos e pintura; pintura interna das letras com dificuldades em limitar-se diante do limite dos contornos; uso de formas geométricas na construção de um barco de acordo o modelo; associação de figuras a suas letras iniciais dos nomes de cada representação; montagem de quebra-cabeça das 5 regiões brasileiras e contorno de pontilhados que formam a letra que inicia o nome do aluno com autismo.

Na interação com a Docente e Co-Ensino o aluno conseguiu em muitos momentos demonstrar afeto e respeito, contudo, houve momentos que o aluno com TEA direcionava-se a Co-Ensino de forma firme, com tom de voz alto e recusa-se a atender às orientações dela nas atividades, isso geralmente ocorria logo depois de um determinado tempo, que ele começava a manifestar estresse. Esses sinais comunicativos dele podem ser compreendidos como uma forma de confirmar que já tinha aprendido o conteúdo/comando e que era necessário evitar a insistência ao superar a associação constante desses gestos do aluno com TEA à indisciplina e desobediência, já que mesmo com esses comportamentos ele produzia as atividades.

Em outra etapa do estágio desenvolve-se uma entrevista com o pai do aluno (pessoa com autismo) no dia 23/9/2025 para levantamento de dados no âmbito familiar.

ISSN: 2358-8829

A entrevista ocorreu na sala da Direção com a presença da Coordenação Pedagógica da Escola e do Gestor da Instituição.

Os dados coletados demonstram que o pai do aluno possuía 53 anos, quadro de diabetes, atuava na área de construção civil na função de Pedreiro de acabamento, possuía o Ensino Fundamental II Incompleto, enquanto a mãe do aluno possui 31 anos com Ensino Médio Incompleto, atuando como trabalhadora rural (agricultura), ambos na condição de casados (moram juntos, mas sem oficialização judicial) e que acreditam no Cristianismo (Igreja Católica), mas não são muito frequentes e praticantes. O pai informou ainda a inexistência de casos de deficiência na família.

A flexibilidade nos horários de trabalho do Pai permitia a ele disponibilidade para cuidar do único filho observado nesse estágio clínico e institucional em Psicopedagogia. Já a mãe geralmente direcionava-se para o trabalho de manhã logo cedo e retornava no fim da tarde. A rotina do aluno em casa geralmente iniciava com ele acordando geralmente às 4 - 5 horas da manhã, o pai ajudava o filho a escovar os dentes, organizava o café, enquanto o filho dirigia-se para o uso de celular (jogo de alimentos) e assistia televisão (desenhos animados). A criança possuía 8 anos e completaria 9 anos no mês de outubro de 2025.

Nessa entrevista o pai do aluno pontuou a possibilidade de aos poucos promover o desenvolvimento da autorregulação e efeitos gerados pelo uso demasiado de telas que podem prejudicar a criança com TEA e comprometer seu desenvolvimento cognitivo e qualidade de vida (saúde) diante do consumo de alimentos ultraprocessados.

Em casa, a criança, segundo o pai, não olhava nos olhos dos familiares, mas desviava o olhar, irritava-se facilmente e quando algum adulto agia de forma insistente, ele chegava a bater a cabeça na parede. O fato de a criança ter uma convivência na maior parte do tempo com adultos, ele repetia muitas expressões usadas por esses adultos, principalmente com um determinado tio que faz algumas brincadeiras e resenhas. Quando a criança com autismo interagia com outras crianças, iniciava normalmente as brincadeiras e de repente e de forma inesperada manifestava stress e expulsava os colegas, ademais, por ouvir palavras (xingamentos) de vizinhos próximo da casa. Segundo o pai do aluno com autismo havia boa interação do filho com uma galinha, seus filhotes, gato e cachorro.

Em relação à alimentação ocorria muito o consumo de laranja, melancia e abacaxi, bem como, feijão, arroz, frango (proteína preferida) e a criança possuía acesso

a doces, biscoitos e salgadinhos e não gostava de salada. Sobre os fatores físio-biológicos a criança com autismo ainda não realiza a higiene pessoal sozinho e estava em processo de construção da autonomia para uso do vaso sanitário e lavar as mãos no final. As atividades físicas que a criança fazia era correr de forma dispersa e está aprendendo a usar a bicicleta.

O pai reconheceu a importância da escola na vida da criança e que as metodologias de ensino usadas ajudaram demais no desenvolvimento do filho e aos familiares a terem mais calma e compreensão das dificuldades, o que antes da escola e sem a existência do laudo médico oriundo de 2024, gerava muita ansiedade e preocupação.

O terceiro âmbito de realização de entrevista foi com a Docente que já atuava há mais de 10 anos no Ensino Fundamental com Pós-Graduação. Ela possuía pleno conhecimento da concepção de educação que o Colégio fundamenta-se com base nos estudos de Jhon Dewey, "em que a experiência expressa a própria vivência do sujeito e suas implicações no processo de aprendizagem [...] cada indivíduo é único, constituído em seu meio social, com sua cultura e valores" (PPP, 2024, p.11).

Nesse mesmo documento, recentemente atualizado em 2024 com a participação de toda comunidade escolar, o professor assume um papel de articulador, guia e orientador da prática pedagógica e aprendizagem. O que está relacionado com a concepção de ensino e aprendizagem voltada para abordagem interacionista (interação indivíduo e ambiente) e pautada na perspectiva sociocultural de Lev Vygotsky.

Nessa interação, o papel do professor do aluno com autismo é desenvolvido em parceria com a equipe de Gestão, Coordenação, SRM e Co-Ensino do próprio Colégio ao assumir uma postura de mediador, facilitador e incentivador do processo de aprendizagem, criando ambiente favorável para a interação, promovendo a colaboração entre os alunos e oferecendo suporte adequado para que eles desenvolvam suas habilidades e conhecimento de forma significativa e efetiva.

A concepção de inclusão da escola reconhece a diversidade dos alunos, suas dificuldades individuais e peculiaridades para garantia de acesso e permanência de todos, através do apoio da SRM que atende cada aluno por 50 minutos (40 min com alunos e 10 min para a Psicopedagoga realizar registros).

A Docente em sala utiliza jogos e atividades adaptadas sempre com indicação e avaliação da SRM. A sala é organizada em filas, e a depender da proposta de aula,

ISSN: 2358-8829

distribui raramente a sala em duplas ou círculo. Na maior parte das vezes, os momentos de maior interação entre os alunos ocorriam durante o recreio, pois na sala o aluno com autismo têm dificuldade em trabalhos de equipe. Mesmo assim, ele sentia-se motivado e esforçado na maior parte da aula para realizar as atividades nos primeiros horários e quando a sala diminuía o barulho.

As atividades eram apresentadas individualmente de forma impressa, explicadas utilizando o quadro a lousa e repassadas para a profissional de Co-Ensino que auxilia o aluno, enquanto atendia individualmente os demais. Em alguns momentos o aluno relatava fatos da vida pessoal com a Co-Ensino e a avaliação da aprendizagem desse aluno era realizada mediante portfólios e atividades adaptadas.

Havia uma grande preocupação com o domínio do aluno em escrever o próprio nome e reconhecer alguns números de 0-10, bem como aprender as letras do alfabeto associando-as a figuras com nomes escritos com suas iniciais respectivas. Ainda sobre isso, ficou evidente a necessidade da construção de materiais didáticos, jogos, dinâmicas e atividades em grupo para sala de aula que promovam mais oportunidades de compreensão da turma sobre as especificidades dos colegas, evitando assim posturas discriminatórias e excludentes contra o aluno em análise.

A necessidade da definição de uma rotina planejada de forma conjunta (Psicopedagoga, Docentes de classe regular, Coordenação Pedagógica e Co-ensino) era evidente, evitando ações pontuais ou aleatórias.

Nesse sentido, parcerias com outras instituições do Município são importantes nesse sentido, para que a escola ao planejar as atividades adaptadas tenha conhecimento de outras metodologias de abordagem que fundamentam as atividades adaptadas para aluno com TEA, e que são adotadas no CAE e na Escola Mico-Leão através da atuação de sua equipe multidisciplinar para análise de práticas a serem ajustadas ao contexto na escola em questão.

Esse suporte, vem do conhecimento de alguns aspectos do da Análise do Comportamento Aplicada - ABA como abordagem, o método das escalas abertas, avaliações e provas piagetianas de acordo nível de suporte de cada pessoa com TEA, e as próprias anamnese que a escola realiza com familiares. Tudo vai potencializar o planejamento e desenvolvimento do aluno de forma mais clara e objetiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio Supervisionado possibilitou a constatação da necessidade de definição clara de uma rotina de acompanhamento familiar e em classe regular permanente; ampliação de espaços de formação continuada com docentes regulares com construção de material didático adaptado ao currículo escolar, além de situações (atividades em grupo) que ampliem a socialização do aluno com TEA e aumentem as possibilidades de aprendizagem baseados sempre no parecer da SRM.

Além disso, a SRM necessita de um espaço mais amplo para realização dos atendimentos, diminuição de estímulos sensoriais (movimentos e sons), disposição dos materiais didáticos e organização dos móveis, pois, o fato de está dentro de outra sala (Coordenação Pedagógica) não viabiliza condições necessárias para o trabalho da Psicopedagoga.

Mesmo com essa demanda, o aluno com TEA já demonstra claramente seus limites e potencialidades aptas à intervenção, estudo e análise pelo Colégio, familiares e demais profissionais. Esse Relatório de estágio traz as evidências da práxis e científicas que vislumbram perspectivas bem satisfatórias ao cenário atual do aluno e habilita o estagiário para o exercício profissional na Psicopedagogia Clínico Institucional e indica demandas ainda latentes para garantia dos serviços de Educação Inclusiva no CMRS.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto Federal nº 7.611 de 17 de novembro de 2011**. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Brasília. 2022.

BRASIL. **Resolução nº 4 de 2 de outubro de 2009**. Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Brasília. 2009.

BRASIL. **Lei Federal nº 12.764 de 27/12/2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Austista e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112 de 11/12/1990. Brasília. 2012.

BRASIL. **Lei Federal nº 13.146 de 6/7/2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília. 2015.

FILHO, Dinart Rocha e OLIVEIRA, Laysa Dias Brum de . Estratégias pedagógicas adaptadas para alunos com Transtorno do Espectro Autista - TEA. In.: **Revista FOCO**. Curitiba-PR, v 16, n 3, p.1-21. 2023.

FOMBONNE, Eric et al. Prevalência de transtornos do espectro do autismo em Guanajuato, México:The Leon survey. In.: **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 46, n.5, pág.1669-1685, 2016.

MANTOVANI, Heloisa Briones. **Processamento sensorial e o engajamento de crianças com o Transtorno do Espectro Autista - TEA no contexto escolar: Percepção de professores**. 2024. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Educação. Unesp. Marília - SP. 2024.

MENDONÇA. G. C. A. de; BANDEIRA, P. F. R.; SILVA, H. M. da; DUARTE, M. de O.. SILVA, I. de O. M. e FERNANDES, G. P. **Transtorno do Espectro Autista, Habilidades Motoras e comportamento de movimento - 24 horas**. 2023. Disponível em: <https://www.institutoscientia.com/wp-content/uploads/2022/05/capitulo-pedagogia-10.pdf>. Acesso em: 19/08/2025.

MOSA S.; AHMED A.; RASHEED A.; SAEED A, ALI M, QADIR F,et al . **The correlation between screen time and the probability of developing autism spectrum disorder**. Cureus. 2024;16(11):e 73231. doi:10.7759/cureus.73231. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/79988/55134>. Acesso em: 6/08/2025.

Prefeitura Municipal de Una. **Projeto Político Pedagógico -PPP do Colégio Municipal Fábio Souto**. 2024.

RAMADAN, Sáfia Barbosa; CAVALCANTE, Diego Vinícius Duarte; ANDRADE, Samanta Gomes Lima de; BORGES, José Alex Almeira; SILVA, Taís Feitosa da. Autismo Virtual: Como o uso das telas trás malefícios ao desenvolvimento motor. In.: **Editora Epitaya**. Rio de Janeiro. 2024

SAAD, Andressa Gouveia de Faria e GOLDFELD, Marcia. A ecolalia no desenvolvimento da linguagem de pessoas autistas: uma revisão bibliográfica. In.: **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**. 2009 jul-set;21(3):255-60.

SANTANA, Gabriel Garcez. Impactos do uso excessivo de telas no desenvolvimento Infantil: Abordagem de redução de danos para crianças em TEA e TDAH. In.: **Brazilian Journal Of Health Review**, v.8, n.3, p. 01-12, may/jun. 2025.

TRENTIN, **Valéria Becher. Diagnóstico e intervenção no Transtorno do Espectro Autista - TEA**. Indaial. Uniasselvi. 2020.